

FICHA TÉCNICA

Título original: *Waiting for Doggo*

Autor: *Mark B. Mills*

Copyright © 2014 by Mark Mills

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Tradução: *Maria Eduarda Colares*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 396294/15

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2015

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

CAPÍTULO UM

Querido Daniel,

Meu Deus, mas que coisa tão formal. Não queria nada que tivesse esse tom, ou talvez queira. Tal como em relação a uma quantidade de outras coisas, já não sei o que por ventura/porventura (como é que é? Eu sei que, se fosses tu, sabias) estará certo. Merda, devia era começar de novo esta carta, mas já tentei três vezes e já estou atrasada para o meu voo.

Vou-me embora, para muito longe. Não te posso dizer para onde. Uma parte de mim gostaria de o fazer, mas não adianta porque não sei quanto tempo vou lá ficar. De qualquer modo, é melhor assim. Uma merda, é que é. O que eu quero dizer é que assim é melhor para mim, mas não para ti, apesar de saber que vais superar isto porque és forte, sensível e de coração um pouco frio.

Em breve falaremos como deve ser, quando eu me sentir capaz disso, o que não é agora, obviamente porque se fosse eu não estaria neste momento a fugir para a Austrália... Ups! (Brincadeira. Estás a ver, não perdi o sentido de humor, como disseste na outra noite.) OK, não tem graça nas presentes circunstâncias. Estou a ver-te de pé, ao lado da mesa, a ler isto. Desculpa-me, meu querido Daniel. Sou uma cobarde. Pelo menos aprendi isso acerca de mim. E lamento pelo *Doggo*. A culpa é inteiramente minha. Não consigo compreender onde é que eu tinha a cabeça. Mas em que raio é que eu estava a pensar? Que ele iria alterar alguma coisa entre nós, ou até mesmo curar-nos. Vais odiar esta palavra, tal como odiavas quando eu falava de jornadas, energias e, sim, anjos.

O facto é que eu ACREDITO efetivamente neles. E tu não. É disso que se trata? Talvez. Eu costumava adorar a tua tolerância tão polida, o sorriso cético nos teus olhos, mas agora chateia-me pra caramba. Agora parece-me cinismo e superioridade, como se achasses que és o dono de todas as respostas. Pois bem, não és. Aliás, quem é? Talvez seja isso que te falte descobrir acerca de ti próprio, como eu descobri que sou uma cobarde. Talvez eu só consiga estar ao lado de um homem que acredite em anjos. Não te preocupes, isso não significa que eu tenha fugido com o Brendon. O Brendon é um idiota. Nunca na vida te trocaria por ele (e se isto não é um elogio, então o que será, verdade!?). Não, estou sozinha, a viajar com pouca bagagem e a seguir o meu instinto. Mais ninguém, para além de mim e de quem tu sabes — «O Que não Se Pode Mencionar», como lhe costumavas chamar no gozo. Bem sei que achas que não passa de um produto da minha imaginação perturbada, mas eu acredito que ele está comigo aqui, neste momento, zelando por mim, e não podes negar que esse sentimento é real (mesmo que tivesses razão em relação aos anjos, coisa que não tens!).

Leva o *Doggo* de volta. Algo me diz que tu vais conseguir esse trabalho e não o podes deixar o dia inteiro fechado dentro do apartamento. Não seria justo para com ele e parece-me óbvio que entre vocês os dois não existe propriamente uma paixão. Ele está aí neste momento, a olhar para ti com aqueles seus olhos peculiares? Juro que não os despregou de mim, com uma espécie de desprezo, quando eu há pouco estava a fazer a mala, como se soubesse o que é que me preparava para fazer. É claro que não sabia, afinal não passa de um cão, um cão pequenito e feio. Não, não exatamente feio, mas percebes o que eu quero dizer — nada de uma beleza digna de menção, pobrezinho. Penso que devo ter sentido pena quando o vi pela primeira vez. Sinto-me pessimamente por estar a atrapalhar a vida dele, mas pelo menos teve uma mudança de cenário, umas curtas férias. Eu própria o teria ido devolver, mas não tive tempo. É que, estás a ver, isto não é uma coisa que eu tenha andado a planear, foi uma decisão súbita. Percebi o que tinha de fazer e estou a fazê-lo.

Estarei a cometer o maior erro da minha vida? Não creio. Penso que chegámos a um ponto em que nos preparávamos para tomar uma decisão que seria errada para nós, indiscutivelmente errada para mim e provavelmente para ti também. Não me odeies, Daniel. Vais sentir-te humilhado, é normal, mas podia ser pior. Não é o mesmo se eu te tivesse abandonado no altar e depois, como toda a gente me vai acusar de ser uma cabra, isso vai tornar tudo mais fácil para ti. Por favor não tentes encontrar-me e não vale a pena ligares porque quando tu leres isto eu vou estar no avião.

Amor e luz

Clara XXXXXXXXXX

PS: Acabei de reler isto e apercebi-me de que não fui muito clara. Está tudo acabado entre nós, pelo menos para já, o que desconfio que quer dizer para sempre, mas quem sabe? Nunca se pode dizer nunca, não é verdade? Preciso de me sentir aberta a outras oportunidades (pronto, está bem, outros homens). Não te posso impedir de fazeres o que quiseses, mas se fores para a cama com a Polly, mato-te. Ela é jovem, vulnerável e adora-te, mas, ao mesmo tempo, não deixa de ser a minha irmã mais nova, por isso, «*non toccare*», como se diz em Itália (isto fez-me lembrar aquela loja de recordações em Lucca, onde tu me compraste uma horrorosa imagem chinesa da Virgem Maria porque achaste que era igual ao meu pai em travesti). X

Pouso cuidadosamente a carta sobre a mesa, com a mão trémula. Coração frio? Será mesmo? Cínico e superior?

Nunca me senti superior. Era o nosso jogo, a dois. Estabelecemos as regras em conjunto. Astrologia, vidas anteriores, anjos da guarda, fosse o que fosse, a Clara era fanática e eu metia os travões. Tínhamos concordado em sermos diferentes e riamo-nos porque sabíamos que o que existia entre nós os dois era mais forte do que tudo. O que existia entre nós era o amor. Nisso estávamos de acordo. Ela não pode de forma alguma mudar as regras, meter-se num avião e desaparecer, ao fim de quatro anos. A vida também é minha.

Quero sentir-me furioso, mas não consigo. Magoado com as acusações contra mim, não deixo, ao mesmo tempo, de me sentir atordado pela sensação fria e arrepiante de que, na realidade, posso ser culpado de tudo quanto me acusam.

Olho para os meus pés. O *Doggo* estava aqui há pouco, mas agora foi para o sofá. Ele sabe que não pode estar no sofá, mas não parece nada preocupado com a minha reação. Na verdade, nem sequer olha para mim. Tem o queixo apoiado nas patas e olha fixamente pela janela, como se as nuvens que passam transportassem em si a chave para algum enigma metafísico com o qual ele se debate.

— *Doggo*.

Ele não se volta, mas a verdade é que ele nunca respondeu ao nome, provavelmente porque sabe que não se trata exatamente de um nome, mas apenas uma coisa que lhe chamamos enquanto não decidimos o que lhe vamos chamar.

Tentámos tudo — andámos mesmo a pesquisar em *sites* de nomes para bebés, mas não encontrámos nada que lhe ficasse bem. Durante algum tempo pensámos que *Eustácio* poderia ser a escolha certa. Não chegou a durar um dia. Segundo a Wikipédia, Santo Eustácio era um general romano que se converteu ao cristianismo, tendo sofrido todo um extenso catálogo de tormentos e desgraças que incluíram ser assado vivo, na companhia dos filhos, no interior da estátua de bronze de um touro. Temos de fazer justiça ao imperador Adriano: ele não se limitava a saber como construir uma muralha, tinha também uma imaginação mórbida quando se tratava de eliminar os seus inimigos. Santo Eustácio, sei-o agora, é o santo patrono dos bombeiros (precisamente aqueles que não conseguiram apagar as chamas que o cozeram) e, a um nível mais geral, de qualquer pessoa que se encontre perante uma grande adversidade.

— Eustácio — digo —, estou perante uma grande adversidade.

O *Doggo* levanta a orelha, à escuta, apenas uma, a esquerda, mas é pouco mais do que um tremor momentâneo. Os seus olhos mantêm-se fixos nas nuvens em movimento.

Tiro o telemóvel do bolso. Sei que o número dela está memorizado porque falámos por ocasião da festa surpresa pelo aniversário

da Clara, em abril. Ela trabalha como coordenadora numa empresa de atividades para crianças e parece que passa a maior parte do seu tempo em Gales a fazer *rafting* em rápidos. Estando nós, para além do mais, em época de férias escolares, preparo-me para deixar uma mensagem.

Ao quarto toque, ela atende. — Daniel...

Apenas uma palavra, mas carregada de uma mistura sedutora de prazer, surpresa e expectativa.

— Olá, Polly. — Novo estremecimento de orelha do *Doggo*, desta vez, a direita. — Como é que estás?

A Clara é a única culpada, digo para comigo, quase convencido. Era coisa que nunca me passaria pela cabeça se ela não o tivesse mencionado.

— Ótima — chilreia ela. — A trabalhar que nem um cão.

Olho para o *Doggo* enterrado no sofá, quase fundido com ele, e pergunto-me de onde raio é que nasceu aquela frase.

CAPÍTULO DOIS

Só me lembro disso quando estamos já a subir para o autocarro.

— É permitido viajar com um cão?

— Depende do critério do condutor, amigo.

Agora os condutores de autocarro ficam fechados dentro de uma gaiola, para sua proteção, e ele tem de comprimir o nariz contra a divisória de *perspex* para ver o *Doggo*, lá em baixo.

— Meu Deus — resmunga ele, nada enternecido. — Vai ter que o levar no seu colo.

— Não posso. Se eu tentar pegar-lhe ao colo, ele morde-me.

— O quê? É violento? Um perigo público?

— Não, não, é só que... — hesito, de forma patética. O que é que eu posso dizer? É verdade: se eu tentar pegar-lhe ao colo, ele morde-me.

— Desculpe lá, amigo, regras são regras. — Por favor, não o digas, penso eu, mas ele diz. — Não vou arriscar-me a perder o emprego.

Normalmente iria bater-me pelos meus direitos, iria mesmo armar uma discussão, mas hoje não estou com disposição. Mal tive energia para escalfar um ovo para o meu pequeno-almoço.

— É justo. Desculpe o incómodo. Tenha um bom dia.

Estou já a descer do autocarro quando o condutor diz: — Se fosse um cão-guia, ou até mesmo um cão de alerta, ou um cão de serviço¹...

— Não é.

¹ Cão-guia: ajuda pessoas com deficiência visual; cão ouvinte, ou cão para surdos: indica as fontes sonoras, para pessoas surdas; cão de alerta: avisa pessoas, por exemplo com epilepsia, da iminência de um ataque; cão de serviço: ajuda pessoas com deficiências motoras. (NT)

O condutor revira os olhos e diz pausadamente, como se falasse com alguém duro de entendimento: — É que esses cães não dependem do critério do condutor.

— Ah, sim, é um cão de alerta. — Bato no meu peito para completar a explicação.

— Problemas de coração com a sua idade? — protesta ele. — 'Tá a gozar.

Mas é ele que está a gozar comigo. Pisca o olho e faz-me sinal para eu me sentar. Valido o passe e agradeço-lhe.

— Leve-o num lugar escondido. Não queremos que assuste os outros passageiros, pois não?

Desta vez não está a brincar.

O Battersea Dogs & Cats Home² fica encravado entre uma velha fábrica de gás e o descampado desolador que recorda a há muito defunta Battersea Power Station³. É difícil imaginar um lugar mais deprimente para abrigar animais de estimação não desejados. O estreito espaço triangular é limitado em dois dos lados por linhas de caminho de ferro e no outro por uma estrada com muito trânsito. O lugar foi sujeito a algumas obras de recuperação desde a última vez que por aqui passei, há alguns anos. (É raro vir para a margem sul do rio; a zona noroeste de Londres tem sido sempre o meu território, apenas porque foi o primeiro sítio onde me instalei ao vir para a capital.) Atualmente existe um edifício com uma fachada curva envidraçada com a sua superfície brilhante voltada para a estrada. A arquitetura vistosa parece um pouco excessiva, uma provocação cruel para todos os parentes esperançosos que se viram sem um chavo quando o advogado procedeu à leitura do último testamento da tia-avó Mabel. Ao contrário do que acontece em França ou na Itália, onde existem leis e percentagens legais para os descendentes, em Inglaterra é possível, do além-túmulo, afastar a família e muitas vezes os interesses do animal saem vencedores na batalha legal.

² Abrigo para Cães e Gatos de Battersea. (NT)

³ Central Elétrica de Battersea. (NT)

Doggo não parece reconhecer o lugar. Entra por ali dentro alegremente, aparentemente indiferente ao latir afastado mas reconhecível dos cães, que se sobrepõe ao barulho de um comboio que passa.

Explico a minha difícil situação a uma mulher que se encontra no balcão da receção. É alegre e animada como o espaço da receção onde passa os seus dias, até mesmo quando me diz que eu devia ter telefonado antes para marcar uma entrevista. Talvez seja eu a imaginar coisas, mas parece-me detetar uma sensibilidade especial no sorriso amável que Laura (o nome está na placa de identificação) me dirige. Faz-me pensar nos assistentes do sinistro lar da terceira idade ao pé de Brighton onde o meu avô aguarda o fim dos seus dias. Será efetivamente possível que alguém tenha um bom feitio tão inabalável? Ou será que regressam ao seu verdadeiro eu quando a porta da rua se fecha nas nossas costas, começando a praguejar como soldados e a torturar os infelizes à sua guarda? Lá se vai a minha decisão de controlar o cinismo de que a Clara me acusa.

Dez minutos depois, o *Doggo* e eu encontramos-nos num gabinete soturno, com outra jovem alegre, envergando uma camisola-polo do fardamento. Esta chama-se Beth. Ocupa-se do «reacolhimento» e é evidente que não está nada satisfeita por ter de «reacolher» um cão que tinha sido adotado há apenas três semanas. É um alívio saber que ela é humana. Beth aparenta ter mais ou menos a minha idade, creio eu, vinte e muitos, e inclina-se para a frente, com os cotovelos apoiados na secretária, enquanto ouve atentamente a minha história.

Procuro conquistar a sua solidariedade: que foi a minha namorada que quis um cão, que ela nem sequer pediu a minha opinião e se limitou a aparecer um dia com ele, que depois lhe deu na veneta e me deixou, sem qualquer aviso. Não estou, explico com ar contristado, em condições de cuidar, sozinho, de um cão. A Beth assente, mas percebo perfeitamente nos seus olhos que procura na minha cara indícios que lhe permitam compreender o que obrigou a pobre Clara a fugir de mim. Vejo-a pensar se serei um homem violento ou apenas chato. Não estou preocupado com o que ela pensa, desde que volte a ficar com o *Doggo* e me deixe continuar com a minha vida.

Mostro o envelope amarelo que a Clara me deixou e que contém a papelada oficial. A Beth não precisa dele; tem o seu próprio ficheiro. Ela não conhecia o *Doggo*, mas está disposta a tratar do processo da sua «readmissão nas instalações». Para o meu gosto, a coisa está a soar-me muito a George Orwell, mas esboço um sorriso e agradeço-lhe.

Parece que, afinal, o *Doggo* era conhecido aqui como *Mikey*. A Clara nunca me falou nisso, mas desculpo-lhe a omissão. *Mikey*!? É como se os pais de Winston Churchill tivessem mudado de opinião à última hora e decidido pôr ao seu robusto bebé o nome de Brian. Seria que Roosevelt e Estaline se teriam sequer sentado em volta da mesa em Ialta se ele se chamasse Brian?

A Beth franze o sobrolho enquanto continua a ler. — Estranho, ele só estava connosco há uma semana quando a sua namorada o levou.

— E?

— Arriscaria imaginá-lo em perpétua.

— Perpétua?

— Como na prisão... que a sua estada aqui seria de longo prazo.

— Porque é que diz isso?

— Bem, olhe para ele.

Olho para o *Doggo*, mas não há muito para ver. Dobrou-se sobre si próprio e está a lamber os tomates.

— Isso não está bem — diz a Beth.

— Para com isso, *Doggo*.

— Não é isso, está a ver, nós aqui seguimos uma política de esterilização. — A Beth percorre a ficha e encontra o que procurava. — Ah, aqui está. Ele não ficou connosco o tempo suficiente. A sua namorada comprometeu-se a tratar disso.

Desta vez corrijo-a. — A minha ex-namorada.

— Como quiser. Ela assinou aqui em como se comprometia a tratar do assunto.

— Do assunto?

— Zac, zac.

Estremeço. Provavelmente só um macho pode compreender que a castração não pode ser reduzida a um simples gesto de dedos a simular uma tesoura, acompanhado de uma onomatopeia.

— Ela nunca me disse.

A Beth pousa a palma da mão sobre a sacrossanta ficha. — Está aqui, preto no branco.

Mas não se trata de preto e branco. Não, é cinzento e muito cinzento. Estamos a falar dos tomates do *Doggo*.

— Preciso de pensar nisso.

— Tem que ser.

— Porquê?

— Porque é a nossa política.

Se ela me conhecesse melhor nunca teria dito aquilo.

— Era política dos nazis exterminar judeus, ciganos e homossexuais. E só por isso estava certo?

A Beth parece profundamente ofendida; solta mesmo um pequeno suspiro. — Não acho que esteja a ser justo. — Os seus olhos ficam subitamente marejados e eu desvio o olhar, perturbado. O *Doggo* continua a lambe-se aplicadamente. Não me lembro de alguma vez o ter visto tão satisfeito e dou comigo a levantar-me e a estender a mão por cima da secretária.

— Foi um prazer, Beth, mas o *Doggo* e eu vamos embora.

O que estou a fazer é patético. Ele é apenas um cão, um cão que eu nunca quis, à partida, mas estou à espera de alguma gratidão, ou qualquer coisa assim. Um simples olhar de reconhecimento dirigido ao animal de duas pernas que está no outro extremo da trela seria suficiente, mas nem a isso tenho direito, e assim descemos a rua, na direção do Battersea Park.

— Eia, amigo, aquela gente ia cortar-te os tintins.

Doggo para para cheirar a base de um caixote do lixo.

— É verdade. Zac, zac. *Adios testiculos*. Os desgraçados dos teus tintins iam à vida.

Não podia ter sido mais inoportuno. Estou tão concentrado no *Doggo*, perguntando-me se ele irá levantar a perna e mijar contra o caixote do lixo, que não reparo nas crianças de uniformezinhos azuis, que desaguam do portão da escola, pelo menos até uma das endinheiradas mãezinhas exclamar: — Mas o que é *isto*? Que linguagem é essa?

Conheço bem o género: loira, dolorosamente magra e segura do seu lugar no seu mundo privilegiado. Igual à minha irmã. Sinto-me tentado a responder-lhe à letra quando reparo no filho, encolhido de vergonha pela intervenção da mãe.

— Peço desculpa, meu jovem.

— Como é que ele se chama? — pergunta o miúdo, inesperadamente.

— *Doggo*.

Está um enorme todo o terreno ilegalmente estacionado ali ao lado, com duas rodas em cima do passeio e as luzes de emergência ligadas. A mulher aponta-lhe a chave de segurança. — Hector, vamos embora.

O Hector é um rapazinho bonito, como o jovem Christian Bale em *O Império do Sol* — com o cabelo macio e grandes olhos verdes. — Olá, *Doggo* — cumprimenta ele afetuosamente, pondo-se de cócoras.

O *Doggo* não só inclina a cabeça para o Hector, como o deixa fazer-lhe festas, afagar-lhe as orelhas e coçar-lhe por baixo do queixo.

— Tu és o cão mais lindo, não és? Pois és, *Doggo*. És o cão mais lindo do mundo.

— Hector! — ouve-se o grito indignado da mãe.

O rapaz olha para mim e revira os olhos. — Tenho de ir.

— Vai melhorar; a vida, quero eu dizer.

— Espero bem que sim — responde ele. — Até à próxima, *Doggo*.

Levantamo-nos, os dois, e ficamos a ver o Hector entrar para o lugar de trás do grande *Mercedes*. Faz um aceno com a mão enquanto o carro se afasta.

Espero bem que sim? E isto dito com a paciência cansada de um velho sábio. Ele não teria mais de doze anos. De onde é que veio aquela criança? Da mãe, não, isso de certeza.

Sigo o exemplo do Hector e acocoro-me. — Boa, *Doggo*, fizeste um amigo.

Quando estendo a mão pergunto-me se o que estou a ouvir será o ruído do trânsito, mas afinal é um rosnar surdo de advertência que me aconselha a manter as distâncias.

CAPÍTULO TRÊS

— Posso dizer?

— Não sei, J, achas que podes?

— De qualquer maneira vou dizer.

Estendo as mãos abertas. — Vá, chuta.

Estamos num bar em Portobello Road, e o J deita abaixo o seu terceiro (ou será o quarto?) *mojito* antes de disparar. — Fizeste bem em te livrares dela, amigo.

— Da Clara?

— De quem é que havia de ser? Nunca gostei dela.

Estou chocado. — Há quase quatro anos que eu estava com ela. Não achas que podias ter-me dito alguma coisa antes?

— Cresce, mas é, Dan. Achas mesmo que eu te ia dizer que o amor da tua vida é passada de todo daquela cabeça? Ouve lá, eu não sou parvo. Para quê? Para se virar contra mim e cair-me em cima no dia em que tu casasses com a maluca?

— Ela não é maluca.

— De atestado passado, meu, sempre foi. Ouve lá, não me interpretes mal. Era porreiro quando éramos mais novos, mas isto agora é a vida, a vida real. Temos o futuro à nossa espera. Olha o Jethro, por exemplo.

— O que é que tem?

— O tempo dele acabou.

— O Jethro?

O Jethro é o tipo mais fixe que nós conhecemos. Alto e artisticamente desalinhado, divide o seu tempo entre dormir nos apartamentos dos outros, fumar quantidades industriais de erva e tocar guitarra (bastante bem). É assim como que um trovador fora de época, sempre a vagabundear, sempre à procura de um novo mecenas que lhe dê casa e comida.

— É o que te digo, a cotação do tipo está em queda livre. Todas as mulheres gostam de um rapaz mau quando são mais novas, mas sejamos honestos, o Jethro está longe de ser o tipo que elas gostariam de ver dar colo ao seu primogénito. O mais certo era ele deixar cair a trouxa de cabeça no chão.

— Eu gosto do Jethro. — E gosto mesmo. Tem um fantástico sentido de humor e é um contador de histórias como não conheço outro.

— Ouve lá, eu também — afirma o J, apaziguador. — Mas o tempo dele já lá vai. As mulheres da nossa idade não querem um vadio, por muito sedutor que seja, pelo menos não quando o velho relógio biológico começa a dar horas.

Ele tem razão. Por isso é que as namoradas do Jethro são cada vez mais novas. Coitado do Jethro.

— A Clara não tem nada a ver com o Jethro.

— O que quero dizer é que compreendo o que viste nela. Ela é excitante, mesmo para lá de excitante, e um bocado passada da cabeça, o que é fixe quando se é novo, mas nós já não somos assim tão novos... é uma má notícia, eu sei, desculpa. Mas o que tu queres, mesmo, é uma mulher que ande metida com cristais, auras e sei lá que cenas mais?

— Anjos.

— Anjos?!

— Ela conheceu um tipo chamado Brendon que a convenceu de que ela tem um anjo da guarda.

— Estás a gozar comigo!

— O nome dele é Kamael.

Pelo rosto do J passa uma expressão de incredulidade e espanto.
— Desisto.

O J e eu conhecemo-nos na Universidade de Warwick, quando ambos frequentávamos o curso de inglês. É uma daquelas amizades raras e especiais (mais comuns entre os homens do que entre as mulheres, de acordo com a minha experiência) em que duas pessoas totalmente diferentes uma da outra em personalidade e temperamento se entendem na perfeição. Eu tenho tendência para encarar a vida com cautela, grato pela mais insignificante coisa que ela me conceda; o J ataca-a como se se tratasse de uma corrida de obstáculos em que cada dificuldade ou impedimento tivesse sido feito de propósito para impedir o seu progresso. Ele tem a energia, a força e a ambição de dez homens, ou possivelmente de cem.

É claro que temos coisas em comum. Em Warwick, foi a nossa paixão pela literatura. Passávamos horas infindas a partir pedra sobre as formas de projetar as nossas carreiras como editores. A edição precisava de pessoas como nós — mentes jovens em sintonia com a revolução digital que começava a revolucionar a indústria. Tínhamos decidido que começaríamos cada um por seu lado, para começar, mas só para aprender os truques do ofício. Na primeira oportunidade, iríamos montar a nossa parceria, transformá-la num negócio milionário e vendê-lo pela maior oferta.

Bem, na realidade, vendemo-nos muito antes disso. O J aceitando uma oferta de emprego da McKinsey, durante o nosso último período em Warwick, e eu conseguindo entrar, pouco depois, para a D&AD Graduate Academy. Um consultor empresarial e um publicitário: foi no que nos tornámos. E depois venham cá falar de sonhos abandonados.

Por vezes consigo consolar-me pensando que, pelo menos, ganho a vida através das palavras, mas a verdade é que me limito a produzir *slogans* publicitários para empresas que pouco ou nada me interessam. Sou *copywriter*, e, por sinal, nada mau. Para o provar tenho alguns horrorosos troféus a apanharem poeira no armário. As coisas corriam um bocado melhor antes de o Trev (o «Gordo Trev», como ele em tempos insistiu em ser chamado, mas agora já não) ter tido a depressão. Ele era o meu diretor de arte. Nós, *copywriters* e diretores de arte, trabalhamos numa relação muito próxima. Formamos uma parceria criativa, uma dupla. Por vezes até mudamos

de emprego juntos. Eu sabia que o Trev era depressivo; por isso é que trabalhar com ele era tão divertido. Creio que eu me devia ter apercebido do que estava a acontecer, devia mesmo ter alertado alguém, mas a verdade é que ele estava a produzir o melhor material de sempre quando a proverbial gota de água fez entornar o copo. Agora ele já está bem. Mas não mais do que bem, faço notar. Os médicos encarregaram-se de o libertar de tudo aquilo que fazia dele ele. Não deixaram arestas por limar, nem altos, nem baixos, e, isso sem dúvida, não deixaram o riso, mas pelo menos mantêm-no vivo. O que ia acontecendo era que ele se preparava para saltar em voo livre do bloco de apartamentos onde vive, perto de Bermondsey.

Talvez a Clara tenha razão e eu seja um coração de pedra, mas não posso deixar de sorrir quando essa imagem me vem ao pensamento: o Gordo Trev a saltar em voo livre. Tem algo a ver com o acasalamento cómico do elefante com a formiga, ou com o *ballet* dos hipopótamos na *Fantasia* da Disney, aqueles que dançam em pontas com um *tutu* diáfano. Só espero que um dia possa partilhar este pensamento com o Trev e rirmo-nos ambos a bom rir. No entretanto, contudo, estou sozinho.

Não tem sido fácil. Já há quase seis meses que ando por aí, perdido, a viver das minhas poupanças, preocupado com os pagamentos da hipoteca da casa. Ninguém quer um *copywriter* solitário. Ainda gozo de reputação suficiente para conseguir uma ou outra entrevista com as pessoas que eram nossas rivais na luta pelos pavorosos troféus. No entanto, a maioria deles estão apenas curiosos de me ver para ouvir, em primeira mão, os pormenores sórdidos da história do Gordo Trev.

Talvez na Indology⁴ as coisas sejam diferentes.

— Indology? — troça J. — Mas que raio de nome é esse para uma agência de publicidade?

⁴ Indologia é o estudo académico da história e culturas, línguas e literatura do subcontinente indiano (mais especificamente os Estados modernos da Índia, Paquistão, Bangladesh, Sri Lanka, Maldivas, Nepal e as partes orientais do Afeganistão), e como tal é um subconjunto de estudos asiáticos. (NT)

— Não é nada má — contraponho, na defensiva.

Passámos agora para um novo bar. Estes optaram por um visual pós-apocalíptico: tijolo à vista, cimento ao natural e candeeiros industriais de aço, o que pode vir a ser a próxima grande moda no *design* de interiores — ou talvez não.

— São uma agência pequena, nova, independente.

— OK — admite J —, ainda aceito o «Ind»..., agora o «ology»...?

— Sugere uma espécie de método, rigor. Como psicologia, teologia, sociologia...

— Punhetologia.

— Parece que consideraram a hipótese, num *focus group*, mas foi recusado.

O J ri-se e aperta-me o braço. — Desculpa. Espero sinceramente que resulte. A sério. Quando é que é a entrevista?

— Depois de amanhã.

O J fecha os olhos para fazer as contas. — Quinta-feira. Estou em Frankfurt. Já lá estiveste?

— Frankfurt?

— Não te preocupes. É uma porcária. Mas os alemães são boa gente. Tenho imenso tempo para os alemães.

Fico contente. O J é de origem judaico-germânica e perdeu um ramo da família há três gerações. Ele conhece todas as suas histórias — foram-lhe administradas com o leite materno — e, mesmo assim, está disposto a enterrar o machado de guerra e continuar em frente. A sua generosidade faz-me sentir muito melhor relativamente à situação muito mais banal de ter sido abandonado pela mulher com quem pensava que ia casar.